

Que Não Haja Imposição na Religião



Uma das verdades fundamentais estabelecidas pelos textos sagrados é que ninguém pode ser compelido a aceitar o Islã. É dever dos muçulmanos estabelecer a prova do Islã para as pessoas de modo que a verdade possa ficar clara em relação à falsidade. Depois disso, quem quer que deseje aceitar o Islã pode fazê-lo e quem quer que deseje continuar na descrença pode fazê-lo. Ninguém deve ser ameaçado ou prejudicado em qualquer aspecto se não desejar aceitar o Islã.

Entre as peças de evidência decisivas em relação a isso estão as que se seguem.

Deus diz:

“Que não haja imposição na religião, porque já se destacou a verdade do erro. Quem renegar o sedutor e crer em Deus, ter-se-á apegado a um firme e inquebrantável sustentáculo, porque Deus é Oniouvinte, Sapientíssimo.” (Alcorão 2:256)

Deus diz:

“Porém, se teu Senhor tivesse querido, aqueles que estão na terra teriam acreditado unanimemente. Poderias (ó Muhammad) compelir os humanos a que fossem crentes?” (Alcorão 10:99)

Deus diz:

“E se eles discutirem contigo (ó Muhammad), dize-lhes: ‘Submeto-me a Deus, assim como aqueles que me seguem!’ Pergunta aos adeptos do Livro e aos iletrados: ‘Tornar-vos-ei muçulmanos?’ Se se tornarem encaminhar-se-ão; se negarem, sabe que a ti só compete a proclamação da Mensagem. E Deus é observador dos Seus servos.” (Alcorão 3:20)

Deus diz:

“O dever do Mensageiro é somente proclamar a Mensagem.” (Alcorão 5:99)

É importante notar que esses dois últimos versículos foram revelados em Medina. Isso é significativo, já que mostra que a regra que determinam não era apenas para os muçulmanos que estavam em Meca em uma situação de fragilidade.

Algumas pessoas podem se perguntar que se o Islã de fato advoga essa abordagem, então o que é tudo que ouvimos sobre jihad? Como podemos explicar a batalha que o Profeta, que a misericórdia e bênçãos de Deus estejam sobre ele, e seus companheiros travaram contra os pagãos? A resposta é que aquele jihad na Lei Islâmica pode ser travado por uma variedade de razões, mas compelir pessoas a aceitar o Islã simplesmente não é uma delas. Quanto à conversão, isso é para ser feito pacificamente pela disseminação da Mensagem com a palavra escrita e falada. Não há lugar para o uso de armas para compelir as pessoas a aceitarem o Islã.

O Profeta disse em sua carta ao governador romano Heráclito:

“Eu o convido a aceitar o Islã. Se aceitar o Islã, encontrará segurança. Se aceitar o Islã, Deus o recompensará em dobro. Entretanto, se se recusar, recairá sobre você o pecado de seus súditos.” (Saheeh Al-Bukhari, Saheeh Muslim)

Uma vez que as pessoas tenham ouvido a Mensagem sem obstrução ou impedimento e a prova tenha sido estabelecida para eles, o dever dos muçulmanos está feito. Aqueles que desejam acreditar estão livres para fazê-lo e os que preferem descreer igualmente são livres para fazê-lo.

Mesmo quando os muçulmanos são compelidos a lutar e então, como consequência, submetem a terra, seu dever depois disso é estabelecer a lei de Deus na terra e implementar a justiça para todas as pessoas, muçulmanas e não muçulmanas. Não é direito deles coagir seus súditos a aceitar o Islã contra sua vontade. Não muçulmanos sob governo islâmico devem ter permissão para permanecerem sem sua própria fé e devem ter permissão para praticar os direitos de sua fé, embora se espere que respeitem as leis da terra.

Se o propósito do jihad fosse forçar os descrentes a aceitar o Islã, o Profeta nunca teria ordenado aos muçulmanos que se abstivessem de hostilidades se o inimigo abrandasse. Ele não teria proibido a matança de mulheres e crianças. Entretanto, foi exatamente isso que ele fez.

Durante uma batalha o Profeta viu pessoas reunidas. Ele despachou um homem para descobrir por que tinham se reunido. O homem retornou e disse: “Estão reunidos ao redor de uma mulher assassinada.” Então, o Mensageiro de Deus disse:

“Ela não devia ter sido atacada!” Khalid b. al-Walid estava liderando as forças e assim o Profeta despachou um homem para ele dizendo: “Diga a Khalid para não matar mulheres ou trabalhadores”. (*Sunan Abi Dawud*)

Consequentemente, até no calor da batalha contra um inimigo hostil, as únicas pessoas que podiam ser atacadas eram aqueles que de fato participavam na luta.

Se o propósito do jihad fosse obrigar os descrentes a aceitar o Islã, os califas sabiamente guiados não teriam proibido a matança de sacerdotes e monges que se eximiram de lutar. Entretanto, foi exatamente isso que fizeram. Quando o primeiro califa, Abu Bakr, enviou um exército para a Síria para combater as agressivas legiões romanas, ele saiu para lhes dar palavras de encorajamento. Ele disse: “Vocês encontrarão um grupo de pessoas que têm se devotado à adoração a Deus (ou seja, monges), então deixe-os fazer o que estiverem fazendo.”